

**VOCATIVOS E MARCADORES DISCURSIVOS NA
GRAMÁTICA TEXTUAL-INTERATIVA/ *VOCATIVES
AND DISCOURSE MARKERS IN TEXTUAL-
INTERACTIVE GRAMMAR***

*Eduardo Penhavel**

Resumo: Neste trabalho, discutimos a classe dos vocativos e a classe dos marcadores discursivos, conforme concebida no âmbito da Gramática Textual-Interativa, procurando demonstrar que vocativos podem funcionar como marcadores discursivos.

Palavras-chave: vocativos; marcadores discursivos; partículas discursivas; atos discursivos interativos; gramática textual-interativa.

***Abstract:** In this paper, we discuss the class of Vocatives and the class of Discourse Markers as proposed within Textual-interactive Grammar, and we try to demonstrate that Vocatives can work as Discourse Markers.*

***Keywords:** Vocatives; Discourse Markers; Discourse Particles; Interactive Discourse Acts; Textual-Interactive Grammar.*

* Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e professor da Universidade Federal de Viçosa-UFV, Rio Paranaíba, Minas Gerais, Brasil; eduardopenhavel@yahoo.com.br

Introdução

No atual cenário dos estudos linguísticos, pode ser identificada uma extensa lista de abordagens de *marcadores discursivos* (MDs daqui em diante). É interessante observar, no entanto, que nenhuma delas (ou quase nenhuma) considera os *vocativos*. Os autores parecem pressupor que, se um item linguístico é um vocativo, naturalmente não pode ser, ao mesmo tempo, um MD.

Para o entendimento dessa relação, a contribuição mais relevante parece ser dada por Risso, Silva e Urbano (2002), que, no âmbito da Gramática Textual-Interativa (JUBRAN *et al.*, 2002; JUBRAN & KOCH, 2006), incluem certas ocorrências de vocativos no levantamento de unidades linguísticas possivelmente pertencentes à classe dos MDs, chegando, posteriormente, à conclusão de que as ocorrências levantadas são, na verdade, formas limítrofes dessa classe.

No presente trabalho, detemo-nos justamente na concepção da Gramática Textual-Interativa, procurando aprofundar a análise da relação entre vocativos e MDs, mostrando que ambos são compatíveis, mesmo se constituindo como formas diferentes de classificação linguística. Da perspectiva textual-interativa, diversas expressões linguísticas, ao funcionarem como vocativos, de fato, atuam também como MDs. Além disso, certas ocorrências de vocativos podem constituir instâncias de MDs prototípicos. A nosso ver, trata-se de uma discussão que pode oferecer contribuições relevantes para a compreensão mais clara dessas duas formas de classificação linguística, bem como um melhor entendimento sobre a relação entre a classe dos MDs e outras classes, relação esta muitas vezes vista de forma confusa e incoerente nos estudos da língua.

Para dar conta desse objetivo, este trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: na seção 1, discutimos a classe dos vocativos; na 2, sintetizamos a concepção de MDs da Gramática Textual-Interativa; na etapa seguinte, relacionamos os dois conceitos, mostrando que vocativos podem atuar naturalmente como MDs; e, finalmente, na última seção, apresentamos as considerações finais.

1 Vocativos

Os vocativos, constituintes de uma classe tradicionalmente reconhecida nos estudos da língua, de modo geral, podem ser caracterizados como elementos linguísticos com a função de chamar o interlocutor, isto é, invocá-lo, interpelá-lo. São alguns exemplos os itens destacados a seguir (1):

- (1) a. *Hei*, que horas são?
b. A palestra, *José*, foi cancelada.
c. Estudem bem para a prova, *caros alunos*.

Diferentes autores variam entre tratá-los como termos acessórios ou como termos isolados em relação à estrutura sintática da oração, ou ainda, entre tratá-los como elementos definíveis em relação à oração ou como enunciados próprios. A nosso ver, uma das análises mais apropriadas sobre essa questão é oferecida por Hengeveld e Mackenzie (2008), no âmbito da Gramática Discursivo-Funcional. Os autores não consideram os vocativos como constituintes de uma oração ou enunciado, nem mesmo os definem em relação à oração/enunciado, mas consideram que constituem, em si próprios, enunciados. Mais exatamente, os autores os concebem como uma classe particular de *atos discursivos*.

Os atos discursivos são pensados por Hengeveld e Mackenzie (2008) como “as menores unidades identificáveis de comportamento comunicativo” (p.60). Em outras palavras, pode-se dizer que um ato discursivo é uma unidade linguística que apresenta uma, apenas uma, ilocução; isto é, a ilocução caracteriza um ato, é um tipo de ato. Uma ilocução corresponde à existência de uma correlação sistemática, numa dada língua, entre uma intenção comunicativa convencionalizada e um padrão de construção formal. Intenções comunicativas equivalem, por exemplo, a fazer uma declaração, uma interrogação etc, e padrões formais são, por exemplo, curva entonacional descendente, curva ascendente etc. No português, a correlação sistemática entre a intenção de fazer uma declaração e o padrão formal de curva entonacional descendente caracteriza a ilocução declarativa. Essa correlação acontece também com os demais tipos de ilocuições e atos.

Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem três tipos básicos de atos discursivos: *expressivos*, *interativos* e *atos de conteúdo*. Atos expressivos são aqueles que dão expressão direta aos sentimentos do falante, não envolvendo o ouvinte e não comunicando nenhum conteúdo. Os exemplos em (2) ilustram isso:

- (2) a. Droga!;
b. Minha nossa!;

Já o segundo tipo constitui-se por aqueles que envolvem o ouvinte, expressando algum significado de natureza interativa, como nos exemplos em (3):

- (3) a. Parabéns!;
- b. Bom dia!;

Certos interativos podem ser expandidos com conteúdo informacional, mais especificamente com o que Hengeveld e Mackenzie (2008) chamam de *conteúdo comunicado*, como em (4):

- (4) Parabéns *pele seu desempenho na prova*.

Finalmente, os atos de conteúdo diferem-se dos anteriores na medida em que contêm, necessariamente, conteúdo informacional, isto é, conteúdo comunicado – envolvendo naturalmente o ouvinte. Esse tipo de ato compreende vários subtipos, como os *declarativos* (5a), *interrogativos* (5b), *imperativos* (5c), dentre outros.

- (5) a. José fechou a porta.
- b. José fechou a porta?
- c. Feche a porta.

Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem uma classe especial de atos interativos, formada pelos vocativos. Estes são entendidos como um tipo particular de ato discursivo, caracterizado pela intenção comunicativa de interpelar o interlocutor, projetada em certos padrões específicos de construção gramatical. Enquanto intenção comunicativa, os vocativos são entendidos como atos com a função de alcançar a atenção do ouvinte, sinalizando a contínua orientação do falante em direção a ele (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Enquanto construção gramatical, podem ser constituídos, no português, por itens extraídos de uma classe especial de expressões interjetivas, como em (6a), por expressões nominais desprovidas de determinante que diretamente rotulam o ouvinte, como em (6b), ou por certos elementos de natureza pronominal, caso ilustrado em (6c), dentre outras possibilidades.

- (6) a. *Hei*, a porta deve permanecer fechada.
- b. *Caro colega*, precisamos resolver este problema.
- c. *Excelência*, os documentos acabam de chegar.

Penhavel e Guerra (2008) argumentam que, no âmbito da classe dos interativos, paralelamente à subclasse dos vocativos, podem ser distinguidas outras três subclasses de interativos, os *atos de checagem, injunção e iniciação*. Trata-se de tipos de atos compostos apenas por expressões interjetivas, tendo funcionamento próximo ao de vocativos como “Hei...”, “Ô...” etc. As expressões destacadas em (7), (8) e (9) ilustram esses três tipos de atos, respectivamente.

(7) Os alunos selecionados, *né?*, estão participando de um Congresso.

(8) A: O que você acha do João?

B: *Olha*, ele parece um bom professor.

(9) A: Você gostou do congresso?

B: *Bom*, parece que foi melhor que o do ano passado.

Considerando a concepção sintetizada acima, pode-se dizer que os vocativos constituem uma categoria gramatical e que sua definição inclui necessariamente aspectos de natureza formal. Como mostramos, essa categoria caracteriza-se por um tipo particular de ilocução, o que pressupõe a presença de um padrão formal de expressão específico (ou de um conjunto de padrões). No mesmo sentido, é também importante observar que esse tipo particular de ilocução pode ser considerado como uma classe específica de enunciado, e que cada ocorrência particular de elementos desta classe constitui, em si própria, um enunciado completo.

2 Marcadores discursivos

Em trabalho anterior (PENHAVEL, 2010), mostramos que, no atual cenário dos estudos linguísticos, podem ser distinguidos três tipos gerais de abordagens de MDs. O primeiro deles toma como MDs expressões afixadas a um enunciado matriz, com função de conexão e em referência a um aspecto desse enunciado. Inclui-se nesse caso, por exemplo, o trabalho desenvolvido por Fraser (2006). O excerto abaixo (10) ilustra um item considerado como MD para uma abordagem desse tipo:

(10) “Donna left late. *However*, she arrived on time.” [Donna saiu tarde. Porém, chegou a tempo] (FRASER, 2006, p. 190).

O segundo tipo analisa como MDs expressões constituindo um enunciado completo, com função de gerenciamento da conversação, em referência a domínios de organização discursiva. Fischer (2006) é um exemplo típico desse tipo de abordagem, como se observa no item destacado (11).

- (11) “*okay* Danny, now that this meeting’s over, we need to schedule another one so we continue, to get our work done on this project” [okay Danny, agora que essa reunião terminou, nós precisamos agendar outra e assim continuamos, para terminar nosso trabalho nesse projeto] (FISCHER, 2006, p. 434).

Finalmente, o terceiro tipo de abordagem abarca aquelas que consideram como MDs expressões dos dois tipos anteriores, isto é, tanto expressões de natureza conectiva, quanto aquelas fundamentalmente ligadas ao gerenciamento da conversação. Essa modalidade inclui, por exemplo, a abordagem de Schiffrin (1987) e a da Gramática Textual-Interativa, aqui em foco.

A Gramática Textual-Interativa, uma vertente da Linguística Textual, constitui um quadro teórico-metodológico que assume o texto como objeto de estudo, analisando, em particular, os chamados *processos de construção textual*. Trata-se dos processos de *organização tópica*, *referenciação*, *parentetização*, *parafraseamento*, *correção* e *repetição*. Nesse contexto, estuda também os MDs, entendidos como uma classe formada por expressões linguísticas que atuam no gerenciamento desses processos de construção textual.

Mais especificamente, Risso, Silva e Urbano (2002, 2006) definem os MDs mediante a combinação de traços referentes a um conjunto de parâmetros de análise, ou variáveis, conforme descrito em (13).¹

- (13) Variáveis e traços definidores de MDs:
- (i) variável: articulação de segmentos do discurso:
traços: sequenciador tópico; sequenciador frasal; não-sequenciador;

¹ Neste trabalho, não incluímos, na definição de MDs, o parâmetro “Apresentação formal” e seus traços “forma única” e “forma variante”, por considerarmos, conforme defendem Penhavel e Guerra (2011), que esses traços não são relevantes em termos definicionais.

- (ii) variável: orientação da interação:
traços: basicamente orientador; secundariamente orientador; fragilmente orientador;
- (iii) variável: autonomia comunicativa:
traços: comunicativamente autônomo; comunicativamente não-autônomo;
- (iv) variável: relação sintática com a estrutura oracional:
traços: sintaticamente independente; sintaticamente dependente;
- (v) variável: relação com o conteúdo proposicional:
traços: exterior ao conteúdo; não-exterior ao conteúdo; não se aplica;
- (vi) variável: demarcação prosódica:
traços: com pauta demarcativa; sem pauta demarcativa;
- (vii) variável: massa fônica:
traços: até três sílabas tônicas; além de três sílabas tônicas;
- (viii) variável: transparência semântica:
traços: totalmente transparente; parcialmente transparente; opaco; não se aplica;
- (ix) variável: padrão de recorrência:
traços: baixa frequência; média frequência; alta frequência;

Risso, Silva e Urbano (2006) concebem os MDs como uma classe gradiente, isto é, composta por elementos prototípicos e não-prototípicos. Nesse sentido, os MDs prototípicos são definidos como expressões que manifestam a combinação de traços apresentada abaixo em (14), enquanto os MDs não-prototípicos são definidos como expressões que manifestam essa combinação com algum desvio, o qual, de modo geral, não ultrapassa dois traços.

- (14) - sequenciador tópico + secundariamente ou fragilmente orientador da interação; ou não-sequenciador + basicamente orientador;

- comunicativamente não-autônomo;
- sintaticamente independente;
- exterior ao conteúdo;
- com pauta demarcativa;
- até três sílabas tônicas;
- parcialmente transparente;
- alta frequência.

Há dois tipos principais de MDs, os *MDs basicamente sequenciadores* (que apresentam o traço *sequenciador tópico*) e os *MDs basicamente interacionais* (que apresentam o traço *basicamente orientador*). A ocorrência do item “então” em (15) ilustra o primeiro tipo. O item contribui para indicar que o enunciado seguinte é o fechamento da unidade expressa no excerto transcrito, o que lhe confere o estatuto de sequenciador tópico. Já a ocorrência de “né?” em (16) ilustra o segundo tipo, uma vez que é uma expressão basicamente orientadora, estratégia interacional de checagem.

(15) mas acho válido você botar a criança o mais cedo possível na escola ... esse problema de puxar pela criança — “Ah ... não deve puxar pela criança” — eu acho que isso não funciona muito ... porque a criança vai a maternal somente pra brincar ... ser educada ... aprender a fazer coisas que em casa a mãe às vezes ... não tem condições de ensinar [...] *então* ... eu acho válido botar a criança o mais cedo possível na escola (RISSO, 2006, p. 460).

(16) A: não gosta de jogo?

B: olha eu GOSTo de jogo de carta ... *né?* MAS ... (URBANO, 2006, p. 522-523).

Da perspectiva da Gramática Textual-Interativa, os MDs constituem uma categoria definida com base num amplo conjunto de critérios, de diferentes ordens, relevantes para o processamento da dimensão textual-interativa do discurso. Nesse sentido, trata-se de uma categoria que pode ser atualizada por elementos linguísticos de diferentes configurações gramaticais, como advérbios, conjunções, verbos, adjetivos etc.

Em particular, a Gramática Textual-Interativa destaca-se, entre outras abordagens, por proposições que permitem identificar o funcionamento de todas as expressões de uma língua como MDs, bem como distinguir MDs de diferentes graus de prototipicidade. Na seção seguinte, discutimos, enfim, a possibilidade de vocativos atuarem como MDs.

3 Vocativos e marcadores discursivos

Para compreender a relação entre vocativos e MDs, é preciso, antes de tudo, observar as diferenças entre esses conceitos. Embora possa apresentar características enunciativas, discursivas, pragmáticas etc. particulares, a classe dos vocativos, como já apontamos, constitui-se primordialmente por sua natureza gramatical, caracterizada por um tipo particular de ilocução, o que significa que manifesta um padrão formal de expressão específico (ou um conjunto de padrões). Quando se diz que uma unidade linguística constitui um vocativo, a análise realizada corresponde àquela que se faz quando se diz que uma unidade constitui um enunciado declarativo, interrogativo, imperativo, expressivo, um enunciado de checagem etc.

Já os MDs constituem uma classe textual, discursiva, conversacional, pragmática etc. (dependendo da abordagem), mas nunca uma classe gramatical. Mais especificamente, para a Gramática Textual-Interativa, os MDs constituem uma classe que não se restringe a determinado conjunto de elementos agrupados de acordo com aspectos formais, uma vez que o conceito é de ordem textual-interativa.

O enquadramento (gramatical) de um item no conjunto dos vocativos não exclui, por ser vocativo, seu possível enquadramento (discursivo, textual, pragmático etc.) no rol dos MDs. Não se trata de classificações excludentes, mas de classificações que se cruzam naturalmente. Um MD pode ser formado por uma unidade linguística que não constitui sozinha um enunciado completo; nesse caso, é formado por um advérbio, uma conjunção, um sintagma preposicional, verbal etc. Da mesma forma, um MD pode ser formado por um enunciado inteiro, como acontece nos enunciados de checagem e de injunção, enfim, como no caso dos vocativos.

O possível estranhamento causado pela ideia de considerar vocativos como MDs pode decorrer da noção de que os últimos não poderiam ser formados por

enunciados completos, devendo ser apenas *um constituinte* de determinado enunciado, atuando, de alguma forma, no processamento de seu enunciado hospedeiro. No entanto, tal noção não se sustenta. Conforme observado na seção anterior, há abordagens que tratam MDs justamente como itens que correspondem a enunciados completos.

Na verdade, a noção segundo a qual um MD contribui para o processamento de um enunciado, de fato, é válida. Diversas abordagens tratam MDs como elementos subsidiários, usados a serviço do processamento de outros elementos. Porém, para isso, os MDs não precisam, necessariamente, ser *um constituinte* de um enunciado; há tipos de enunciados, como os vocativos, intrinsecamente dedicados a servir a outros enunciados. Ou seja, essa noção não está relacionada com o fato de um MD ser constituinte de um enunciado, mas com o estatuto subsidiário, ou comunicativamente não-autônomo, do MD, o que, de fato, é um aspecto dos vocativos, como destacado mais adiante.

Considerando especificamente os traços definidores de MDs da Gramática Textual-Interativa, é possível inferir que vocativos de diferentes tipos podem perfeitamente funcionar como MDs. Como sintetizado acima, MDs (prototípicos) são expressões que apresentam a combinação dos traços em (14), podendo haver desvio em até dois traços (no caso de MDs não-prototípicos).

Consideremos o conjunto de traços em (17), que representa um dos padrões caracterizadores de MDs prototípicos previstos em (14):

- (17) a) não-sequenciador + basicamente orientador;
- b) comunicativamente não-autônomo;
- c) sintaticamente independente;
- d) exterior ao conteúdo;
- e) com pauta demarcativa;
- f) até três sílabas tônicas;
- g) parcialmente transparente;
- h) alta frequência.

A nosso ver, todos os tipos de vocativos (ou, pelo menos, a esmagadora maioria deles) apresentam os traços de (17a) a (17e), podendo o desvio incidir apenas sobre os traços (17f), (17g) ou (17h).

Observe-se, inicialmente, que vocativos são elementos claramente não-sequenciadores. O traço *sequenciador* aplica-se normalmente a itens que ligam duas unidades linguísticas, como é o caso das conjunções. Vocativos não estabelecem essa relação conectiva, podendo vincular-se a apenas uma unidade, a um outro enunciado, aquele para o qual o vocativo chama a atenção do interlocutor. Complementarmente, consistem em elementos basicamente orientadores da interação. O traço *basicamente orientador* pode ser entendido em referência à função interacional de *obtenção e/ou manifestação do envolvimento dos interlocutores com o ato de interação verbal*, sendo uma função geral exercida por um conjunto de tipos de atos discursivos, no qual se incluem, por exemplo, atos de checagem e retroalimentação. Conforme defendem Penhavel e Guerra (2012), os vocativos alinham-se exatamente a essa função interacional geral, particularizando-a mediante a subfunção de *chamar a atenção do interlocutor para a interação verbal*. Dessa forma, são elementos portadores do traço *não-sequenciador + basicamente orientador*, previsto em (17a).

A ausência de autonomia comunicativa constitui outro traço dos vocativos. A autonomia comunicativa pode ser entendida como a capacidade que uma unidade linguística tem de constituir o único enunciado de uma situação comunicativa ou o único enunciado de um interlocutor numa situação. Atos expressivos, certos tipos de interativos e atos de conteúdo manifestam essa capacidade. É o que se observa em atos como “Droga!”, “Obrigado!” e “O jantar está servido”. Por outro lado, os atos de checagem, injunção, iniciação e vocativos não têm essa propriedade. Em nenhuma situação de interação verbal (talvez apenas em casos raros e muito particulares) um vocativo pode ocorrer sozinho, devendo acompanhar, necessariamente, outro enunciado, aquele para o qual o vocativo chama a atenção do ouvinte. Nesse sentido, os vocativos sempre apresentam o traço *comunicativamente não-autônomo*, previsto em (17b).

Pelo fato de constituir, em si próprio, um enunciado completo, os vocativos não integram a estrutura sintática de um outro enunciado com o qual se relacionam, nem integram o conteúdo proposicional desse outro enunciado. Pela mesma razão, são providos de um contorno entonacional próprio. Dessa forma, manifestam sempre os traços *sintaticamente independente, exterior ao conteúdo, com pauta demarcativa*, previstos, respectivamente, em (17c), (17d) e (17e).

Até aqui os traços que apontamos para (todos) os vocativos (não-sequenciador + basicamente orientador, comunicativamente não-autônomo, sintati-

camente independente, exterior ao conteúdo, com pauta demarcativa) são característicos de MDs prototípicos, e o mesmo se pode dizer em relação próximo, previsto em (17f). Muitos vocativos, entretanto, contêm mais de três sílabas tônicas, o que se constitui como um desvio.

Observe-se, então, que restam apenas dois traços, (17g) e (17h) e, nesse sentido, mesmo que os vocativos possam neles desviar, já se pode identificar, pelos traços de (17a) a (17f), uma variedade enorme de vocativos como MDs. Pode-se dizer que qualquer vocativo contendo até três sílabas tônicas será um MD (pelo menos um MD não-prototípico), pois poderá desviar, no máximo, em dois traços, (17g) e (17h). É o que se vê, por exemplo, nos casos formados por nomes próprios ou expressões nominais de até três sílabas tônicas, como em (18) e (19), respectivamente:

(18) *Pedro*, as encomendas chegaram.

(19) *Prezados professores*, as encomendas chegaram.

Considerando os dois traços restantes, é ainda possível identificar vocativos que atendem a apenas um deles (e que são, portanto, MDs não-prototípicos). É possível também observar aqueles que atendem aos dois (e que são, nesse sentido, MDs prototípicos).

Em (17g), o traço prototípico *parcialmente transparente* corresponde a expressões cujo significado representa um distanciamento parcial em relação a um significado lexical ou gramatical mais original e básico, decorrente de uma adaptação discursivizada do sentido original. É, pois, um traço que pode ser identificado em “Velho...”, “Meu irmão...”, “Brother...”, “Menina...” etc. Vocativos como esses, e que contenham até três sílabas tônicas, representam, portanto, aqueles que podem desviar, no máximo, em um traço caracterizador de MDs, o (17h).

O traço prototípico *alta frequência* em (17h) refere-se ao uso de determinado MD por dez ou mais vezes num discurso ou segmento tópico. Embora essas ocorrências não sejam muito prováveis no caso de vocativos, julgamos plenamente possível o uso altamente frequente deles em determinados contextos. Por exemplo, numa carta pessoal com alto grau de emotividade, pode haver uma significativa quantidade de ocorrências de “Meu filho...”, “Meu Deus...” (numa oração), “Meu amor...” e “Bem...” (numa conversa entre marido e mulher), ou ainda, “Velho...”, “Cara...” ou “Meu...” (numa conversa entre alunos universitários). Um vocativo

com o traço *alta frequência* e com até três sílabas tônicas, pode desviar, no máximo, em um traço, o *parcialmente transparente* de (17g).

É possível, por fim, identificar vocativos que são MDs prototípicos, não desviando em nenhum dos traços previstos. É o caso daqueles com até três sílabas tônicas, com transparência semântica parcial e que, em determinado contexto, são altamente frequentes. Exemplos disso são as palavras “Velho...”, “Bem...”, “Meu...” etc. Nesse sentido, é que consideramos os vocativos como um dos tipos de elementos linguísticos que podem funcionar como MDs.

Conclusão

Neste trabalho, procuramos demonstrar que vocativos podem atuar como MDs, principalmente a partir da perspectiva da Gramática Textual-Interativa. Em primeiro lugar, esperamos contribuir para a reflexão sobre a classe dos vocativos e, em especial, sobre a concepção de MDs. Embora exista atualmente uma variedade enorme de perspectivas teóricas que tratem dos marcadores discursivos, a abordagem textual-interativa destaca-se como uma das poucas que se propõem a formular uma definição abrangente de MD, contemplando todas as expressões que são capazes de funcionar como MDs em determinada língua. Nessa direção, esperamos que a demonstração dos vocativos como MDs possa contribuir para aprofundar e precisar a definição de MDs.

O estudo da relação entre vocativos e MDs pode dar origem a uma série de temas de pesquisa. Dentre eles, um tópico relevante seria a verificação de uma possível correlação entre as diferentes configurações formais dos vocativos (expressões interjetivas, expressões nominais, pronomes etc.) e os estatutos de MDs prototípico, não-prototípico e unidade limítrofe. Além de contribuir para a reflexão de vocativos e MDs, a nosso ver, trata-se de um levantamento que poderia contribuir para o avanço nas pesquisas sobre as relações entre diferentes classes de elementos linguísticos.

Referências

FISCHER, Kirsten (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006.

FRASER, Bruce. Towards a theory of Discourse Markers. In: FISCHER, Kirsten. (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 189-204.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*, v.VII. Campinas: UNICAMP, 2002, p.341-420.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*, v.I. Campinas: UNICAMP, 2006.

PENHAVEL, Eduardo. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 2010. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PENHAVEL, Eduardo; GUERRA, Alessandra Regina. *Interactive Discourse Acts in spoken Brazilian Portuguese*. Trabalho apresentado no 13º Congresso Internacional de Gramática Funcional. Universidade de Westminster, Londres, 2008.

_____. Considerações sobre a variável “apresentação formal” na caracterização de Marcadores Discursivos da Gramática Textual-interativa. *Revista Acta Científica* (Patos de Minas), v. 3, n. 3, p. 283-296, 2011.

_____. Vocativos e o traço “basicamente orientador da interação” na gramática textual-interativa. *Revista Confluência*, n.43/44, 2012 (aceito para publicação).

RISSE, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*, vol.I. Campinas: UNICAMP, 2006, p. 427-496.

RISSE, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). *Gramática do Português Falado: desenvolvimentos*, v. VI. 2.ed. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002, p. 21-94.

_____. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*, v.I. Campinas: UNICAMP, 2006, p. 403-425.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*, v.I. Campinas: UNICAMP, 2006, p. 497-527.

Recebido em 06/09/2012

Aprovado em 01/11/2012